



Gaiato



4560 PENAFIEL
TAXA PAGA

Quinzenário • 26 de Novembro de 1994 • Ano LI - N.º 1323 - Preço 30\$00 (IVA incluído)

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

O nosso Jornal

Expedição d'O GAIATO

HÁ mais de quatro anos que a expedição d' O GAIATO vem sendo uma grande preocupação que, por momentos, pensámos ultrapassada e logo renasceu.

Primeiro foi o fim da *era* da «citograph» com a aflição, em cada quinzena, de que ela não chegasse ao fim.

Preparados para entrar na *era* da informática, a opção seria: a cintagem (que embora norma internacional, não era exigida para a circulação dos jornais dentro do País) ou a etiquetagem. Escolhemos a primeira para ficarmos definitivamente em dia e começou a odisseia da descoberta de uma máquina... que não há, capaz da operação com um jornal tão pouco espesso como é o nosso. Foram meses de espera e de teste à paciência dos nossos rapazes e de mecânicos experimentados para pôr a trabalhar a que conseguimos na Imprensa

Nacional. Em vão. Ela aí está robusta, impecável... e insensível à pequenez d'O GAIATO.

Voltámo-nos para a etiquetagem, e novas dificuldades. Não havia no mercado máquina suficiente para o esforço exigido pela grandeza da tiragem: cinquenta e seis mil exemplares de cada vez. Achou-se, finalmente, nos Estados Unidos e aí veio ela. E aí veio um momento de paz: O problema estava resolvido e a contento.

Mas foi curta a trégua. Os nossos Correios impõem entretanto a norma internacional também para uso interno e agora encontramos-nos de novo, não na alternativa, mas na obrigatoriedade da cintagem. E se não esta, a manga de plástico que, além de pesado investimento, vem reduzir a um terço a velocidade da expedição e complicar a nossa vida como só quem a conhece por dentro pode avaliar. É que este trabalho (que é das coisas mais lindas que se podem ver em nossa Casa) é totalmente feito

pelos rapazes, que têm os seus deveres escolares — e o tempo conta mesmo!

Fomos ontem a Lisboa, Carlos Alberto e eu, a uma entrevista de alto nível nos Correios. O carinho com que nos receberam, a vontade de nos ajudar que experimentámos, consolou-nos e, ainda assim, deu-nos muita força. Todavia — *dura lex, sed lex* — teremos de inventar o meio para a cumprir.

Pedido de uma luzinha no fundo do túnel

E agora?... Com estas contas que damos do nosso rosário ao universo dos nossos Amigos e Leitores, vai o pedido de uma luzinha no fundo do túnel que algum, por conhecimento de pistas ou por seu espírito inventivo, tenha possibilidade de nos acender.

Padre Carlos

SETÚBAL

Adoptar famílias degradadas

ADOPTAR uma família degradada pareceu àquela senhora o meio mais apto para desinstalar tantos casais cristãos alojados num ritual cómodo, inerte, onde Cristo apareceu mais como um mito do passado do que um Deus que se fez Homem, ressuscitou, e é Caminho, Verdade e Vida para todos nós, os homens de todos os tempos. Um Deus vivo, actual e actuante!

Um Deus que sai à rua e mostra a Sua face esplendorosa de um amor que tudo vence!... Na procura da ovelha tresmalhada ou da dracma perdida. Um Deus que veio para servir e não para ser servido. Um Deus que esvaziou de sentido e conteúdo todos os holocaustos e sacrifícios da religião vigente e se fez Ele mesmo Sacrifício Santo e perene: «*Eu vim ó Deus para fazer a Tua vontade*».

A Catequese, a Legião de Maria, o grupo de jovens tudo parece estiolar-se na sua paróquia.

As pessoas acorrem em massa à comunhão, mas ninguém se confessa. E, como hão-de confessar-se — pergunto eu — se não têm pecados?...

Na sua consciência, não matam nem roubam; e, ninguém lhes prega que a sua vida indiferente à miséria de tantas famílias degradadas é crime de homicídio e fruto dos valores mais preciosos que enriqueceriam a dignidade humana de tantos desgraçados.

Ninguém lhes mostra a enorme quantidade de pecados de omissão, cometidos ao longo do ano, reti-

Continua na página 3



«Pimentinha» e Fábio eram da rua e estão hoje na sua Casa do Galato

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Bairro degradado

FOI a primeira vez que o visitámos, embora já tenha passado muitas vezes ao lado. A Imprensa diária tem noticiado, frequentemente, aquela degradação. Há pouco veio a notícia da sua remodelação. Que os governantes não percam o tempo e a coragem. Mãos à obra.

Era uma tarde soalheira. Parámos na rua, à entrada, pois aconselharam a não nos meternos naquele labirinto.

Às portas havia muitas mulheres à conversa. Pela rua abaixo muitos grupos de homens novos na cavaqueira. Também homens e mulheres em reunião. Tudo gente a matar o dia. A noite é ocupada em contrabando e negócio. Está ali instalado um grande centro de droga e produtos afins. O aspecto geral é desolador. As pessoas, muitas delas, mais parecem esqueletos humanos. Cigarro na boca e mãos nos bolsos. Aspecto de vencidos da vida. Sem projectos para o futuro. Sem esperança.

Continua na página 4

Conferência de Paço de Sousa

DIÁRIO DOS POBRES — Está já reconstruída mais uma casa (geminada) do Património dos Pobres. Obra que, por natureza, seria muitíssimo onerosa na mão de qualquer empresário. Mas foi entregue a um pequenino grupo de trabalhadores, nos fins-de-semana. Liquidámos a última factura: cerca de quinhentos contos.

No entanto, para os seus utentes, ela é, agora, muito mais acolhedora!

No desfiar de casos, no dia-a-dia de quem dá a mão aos Pobres, pena temos de que, pela sua arquitectura, não possamos cedê-la a uma família (viveria ao luar...?) à qual pagamos vinte e cinco contos de renda mensal. Ao que consta, o pobre homem, sinistrado, brevemente receberá a indemnização da seguradora. Será para comprar um pequenino talhão com vista à construção de habitação própria. Infelizmente, na CEE, somos um País com grande índice de estropiados! Aliás, esta grave problemática, e estudo gradual da prevenção, deveriam ser tema de formação, pelo menos ao longo do ensino básico e secundário. E ponto assente nas empresas do País...

Acudimos a um indivíduo do sector primário, na liquidação da sua taxa social única. Temos de defender o próximo futuro de alguns trabalhadores que, por falta de seguro social, de um dia para o outro caem nas mãos das Conferências Vicentinas e/ou Instituições Particulares de Solidariedade Social. Há mais dois, agora, na mesmíssima situação! Investimos, por todos eles, quase vinte contos mensalmente.

Vamos fechar o livro, que a vida dos Pobres — porque pobres — daria muito que contar!

PARTILHA — Um cheque da assinante 23311, de Setúbal, com 6.000\$00, «pequena ajuda para os que nada têm». E são muitos!

Assinante 14493, do Porto, 10.000\$00; «é o que por enquanto posso enviar, minha contribuição para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus referente ao mês de Novembro». Pedimos ao nosso Deus que lhe dê Força para aceitar os Seus desígnios.

Mais dez mil, da assinante 12319, em Penafiel, «evocando assim os meus entes queridos que espero o Senhor tenha na Sua companhia». Um acto de fé.

Outros dez, agora da Capital, pela mão da assinante 29845: «pequenina importância para qualquer necessidade mais urgente. Peço uma oração por uma intenção muito particular. Não é necessário participar a recepção, muito menos agradecer». Óbolo da viúva.

Assinante 42971, de Ovar: «Seis mil escudos para os Pobres mais necessitados e em geral mais envergonhados, por diversas intenções que Deus sabe». Na mesma linha da anterior: «Não precisam de agradecer».

Parte de um cheque, da assinante 113, do Porto, por várias intenções já nas Mãos do nosso Deus.

Pelas CASAS DO GAIATO

Damaia, assinante 4514: «Aprez-me vir acompanhada da minha filha mais nova, que ainda vive comigo, enviar estas migalhas que destinamos com muito amor e carinho aos Pobres, lembrando a memória de minha mãe. Agradecemos todo o bem espiritual que O GAIATO nos proporciona».

A remessa habitual, da assinante 31104, cuja perseverança se perde no tempo: «Embora muito sensibilizada, continuo apenas a desejar uma referência discreta n'O GAIATO. Tudo o que envio é de todo o coração, com a consolação de que auxílio quem precisa (os Pobres), sentindo isso na minha alma e pensando sempre nos meus entes queridos...»

Assinante 57002, de Matosinhos: «Envio este cheque (15.000\$00) para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus. Que esta pequena ajuda sirva para minorar as dificuldades sentidas por alguns dos nossos irmãos. É apenas uma pequena migalha, mas dada com muito amor e carinho a todos aqueles que sofrem. Peço uma oração por mim e pelos meus familiares. Pelo vosso jornal tomarei conhecimento da recepção do donativo».

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

MAGUSTO — O nosso magusto foi em 11 de Novembro, da parte de tarde. Começámos por ir buscar a lenha ao telheiro, e a fazer fogueiras. Metemos as castanhas no assador. Quando estavam prontas, alguns já começavam a tirá-las. Depois foi a barriga cheia. Um magusto divertido.

AULAS — Começaram bem. Agora são os primeiros testes que aparecem para a avaliação do aluno.

VISITAS — No domingo tivemos muitas porque estava um dia muito bonito. Era o dia de S. Martinho.

OBRAS — Os nossos trolhas continuam as obras na caldeira e noutras casas: são vidros partidos, paredes por pintar, etc.

GRUPO DA LENHA — Os rapazes têm mais que fazer porque as folhas não param de cair das árvores. São tantas e tantas que já não sabem onde começar a apanhá-las

Victor II

SUSPIROS D'ÁFRICA — Angola e Moçambique. Que futuro?

Tanta guerra para quê! A fome tem devorado muitas famílias, mas principalmente as crianças inofensivas. É uma tristeza o que está a acontecer em Angola.

Graças a Deus as nossas Casas do Gaiato em África têm tido meios para lutar contra a fome e dificuldades acrescidas.

O nosso Padre Telmo, em Malanje, tanto sofrimento! Mas de uma vez, ele e os rapazes tiveram que abandonar a Aldeia para a cidade, porque a segurança era e é pouca. Tanto trabalho para quê? Parece que ninguém liga ao sofrimento das crianças angolanas e moçambicanas.

Temos visto, ouvido e lido, através dos meios de comunicação as tragédias em Angola. Fala-se de paz, de tudo, mas nunca se resolve nada. Esperamos que agora seja definitivo o acordo de paz em Lusaca. Que assim seja!

DESPORTO — Mais futebol e muitos golos.

No dia 6 do corrente mês defrontámos o Futebol Clube de S. Lourenço (Penafiel). Um jogo em grande ritmo. Nos primeiros minutos o equilíbrio, mas depois a nossa equipa conseguiu superiorizar-se ao adversário. Ao intervalo já vencíamos por 4-0.

Na segunda parte tudo ainda mais fácil... Resultado final: 10-3.

Em 13 de Novembro, defrontámos uma formação de Gaia. O jogo não teve história nenhuma porque houve muita confusão. Quem sofreu: o árbitro que ouviu muitas repreensões. E como não podia fugir à regra, ganhámos o jogo por 12-2. Um volumoso resultado.

Repórter x

TOJAL

OBRAS — Continuamos a calcetagem da rua central que vai ter ao Palacete. Já está mais de metade. O pedreiro e os serventes constroem um muro à volta do campo de futebol para dar melhor aspecto e facilitar a vida aos apanha-bolas. No próximo Verão a casa-mãe talvez seja pintada e haja algumas alterações.

TEMPO — Estamos ainda no Outono, estação das surpresas, pois cá em Casa ora faz frio ora faz calor. Os grupos da apanha do lixo e de varrer as ruas andam um pouco chateados pois é nesta época que caem as folhas no chão. Por

isso, queremos que os rapazes animem e mantenham a Casa no melhor funcionamento.

VISITAS — Em 12 de Novembro recebemos um grupo de pessoas conhecidas, grupo que já terá vindo cá no ano passado. Falecera um filho de um casal e então combinaram que se fazia uma festa na data dos seus anos e celebrava-se a Eucaristia. O nosso obrigado ao referido grupo que ofereceu o jantar, de que gostámos muito.

FESTAS — Já temos algumas peças e poemas ensaiados para a de Natal e também algumas sugestões para as festas grandes. Esperemos que as senhoras e os mais velhos da Casa ensaiem bem para que no dia não haja «barracada». Tudo corra da melhor forma.

ESCOLAS — Muitos já fizeram o seu primeiro teste. Uns com boas, outros com más notas. O nosso Padre Cristóvão ora anda contente, ora triste pois os mais pequenos ficam por manter o bom funcionamento da Casa e os estudantes passam o dia fora, sem fazer nada, e ainda têm coragem de apresentar notas que o entristecem. Por isso, esperemos que este aviso sirva para que se dediquem mais ao estudo.

CARAS NOVAS — Vieram mais três. Todos eles pequenos. Já conhecem o significado de mãe, cá em Casa. Foram bem recebidos pelas senhoras da Casa, as quais se dedicarão ao crescimento dos miúdos.

FUTEBOL — Continuamos com o mesmo ritmo e a desenvolver táticas para o torneio Inter-Casas. Ainda não recebemos equipamento desportivo de algum grupo... que tivesse a mais. Mas existem esperanças. Por isso, aguardamos. Todos os fins-de-semana vem sempre cá alguém jogar, mas só contra a equipa dos grandes. Nós também queríamos que os médios e os pequenos mostrassem o que sabem...

ENCONTRO — No dia 8 de Dezembro será o encontro anual dos Gaiatos Antigos, cá em nossa Casa. Irá ser um dia bem vivido. Jogo de futebol, celebração da Eucaristia e, depois, o almoço.

Joaquim Miguel F. Pinto

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — As ruas das nossas cidades lembram que está próxima

festinha que lhes costumamos dar no Natal. Mas o nosso tesoureiro chamou a atenção: — Estamos a gastar mais do que aquilo que recebemos!

Então, como vai ser? Nós aprendemos com Pai Américo. Damos, damos, damos sem olhar se temos ou não. Confiamos sempre no Senhor e nos nossos Amigos. O Senhor Jesus também deu tudo, a ponto de não ter onde reclinar a cabeça. E quando já não tinha mais nada para dar, deu a Sua própria vida.

No Dia de Todos os Santos, lia-se no Evangelho: «Felizes os pobres que o são no seu íntimo, porque é deles o reino dos Céus». Será que o nosso íntimo tem um bocado dessa pobreza? Será que estamos interessados em conquistar o reino dos Céus?

É o Senhor quem o diz.

Um vicentino

MIRANDA DO CORVO

AZEITONA — Já começámos a apanhar a nossa azeitona no Olival dos poços, com a máquina de varejar. E muitos dos nossos rapazes a apanhar a caída no chão. Também já apanhámos muita assim.

OBRAS — A copa está praticamente pronta. Agora estão a acabar de arranjar a cozinha. Depois seguem-se as obras na zona do costume.

MILHO — Alguns rapazes estiveram a limpar o milho com a máquina para o levar para a arrecadação. Falta ainda muito, para limpar e arrecadar.

FUTEBOL — No domingo fomos jogar à Pampilhosa. Primeiro houve castanhada. Depois o jogo. Perdemos por 4-3. Resultado que não agradou. Grande culpa do nosso guarda-redes que deixou entrar alguns frangos.

Frederico

FAMÍLIA

Amor familiar

Somos pobres, mas enriquecemos a muitos, porque está conosco o Senhor do Céu e da Terra — rezava assim a antifona de vésperas deste domingo.

Chegámos a Casa com o coração cheio de alegria pelos testemunhos de amor familiar que hoje recebemos dos nossos rapazes.

Partimos no princípio da tarde em direcção a uma vila do Centro. Passadas duas horas de estrada chegámos ao nosso destino. Fui, com um, buscar um beliche de duas camas para deitar os filhos do irmão que está doente. Estava a mãe que contou como o filho, dono da casa e do beliche, imigrante a trabalhar na Suíça, reagiu ao preço



SETÚBAL

Adoptar famílias degradadas

Continuação da página 1

rando aos irmãos o tempo gasto em lazer quase sempre prejudicial; o carinho e a ternura, desviados em direcção pouco nobres; a dor convertida em desprezo ou indiferença; os bens materiais consumidos em ninharias, etc.

A dor dos Pobres não é pregada com a violência em que por toda a parte se manifesta. As acções que furtivamente, aqui e além, vão surgindo, aparecem mais como entretenimento, comendo em estruturas e propaganda o quinhão dos Pobres ou panaceia que mais encobre do que evidencia o vasto mundo dos degradados e adormecem a consciência dos verdadeiros cristãos e de homens de boa vontade.

Veio de longe a referida senhora. É leitora assídua e antiga d'O GAIATO. Quer pôr-se em movimento dado que se sente peada de muitos modos. Deseja despertar os seus amigos e com eles adoptar uma família degradada. Mas, não sabe como nem onde. Adoptar, expliquei eu, é torná-la como sua, sem que ela dê por isso. Tal como um casal adopta uma criança e se compromete com ela, paternal e mate-

rialmente, assim o grupo deve fazer no seu íntimo. Não por tempo marcado, mas até que a família degradada esteja capaz de, por si, caminhar em relativa estabilidade e dignidade. Pode mesmo acontecer que a família adoptada, dada a sua debilidade, precise de longos anos de acompanhamento e ajuda. Se houver problemas de droga, alcoolismo, prostituição, promiscuidade, teremos Pobres para toda a vida!

Elevar não é tarefa rápida. Precisa de muito tempo, paciência, perseverança, abundante sensatez, certeza inabalável da vitória e comunhão profunda na dor e no amor! O caído é a presença incómoda e por isso sensível de Jesus.

Como? Encha-se de amargura dos infelizes. Conheça a sua história. Converse! Ausculte! Cheire! O cheiro é sempre um bom indicativo. É pelo faro que os irracionais percebem o perigo e o alimento. O cheiro é quase sempre mais intuitivo que a visão. Depois, vá ter com os seus amigos e pregue o que tem na alma; com humildade, como quem reza.

— Onde? — Não muito longe nem muito próximo do lugar onde habita. Se uma família degradada mora em

casa contígua à sua é melhor que outro grupo tome conta dela. A senhora com outro conjunto cuidará doutra família.

A história da nossa fé é toda ela uma demonstração clara de que o Caminho de Deus são os Pobres e que os Pobres são o Caminho de Deus! O último Concílio veio reforçar o testemunho. Mas!..., vamo-nos ficando pelo místico, pelo litúrgico, com enorme dificuldade de descer ao real. Jesus viveu o Seu sacerdócio de comunhão com Deus e com os homens. Assim: rezava e convivía. A sua preferência foi para os Pobres sobre quem se projecta de forma mais evidente o pecado do mundo. Nós fazemos ao contrário. Celebramos e não vivemos. Temos medo de assumir os que são vítimas do pecado. O nosso culto torna-se vazio e o nosso sacerdócio vão. Razão tinha aquele padre de Coimbra citado como santo pelo Padre Américo: «Dia em que não visito um Pobre é dia em que não me sinto padre».

P. S. — Há uma alteração no Código Postal do nosso Lar de Setúbal: passou a ser o 2910.

Padre Acílio

Tribuna de Coimbra

Advento

É o Advento. Será, outra vez, Natal. Recorda-nos, este tempo, o anúncio feliz de uma Boa Notícia: «Jesus vem!».

Jesus vem, já veio e virá de novo. Que já veio, há uma história feita de homens e mulheres que ainda hoje nos toca o

coração e fere a vida pela forma arrebatadora como acolheram e viveram essa vinda — os santos.

Que virá de novo, não sabemos nem quando nem como será esse dia glorioso, sem precedentes, pesem bem os cálculos fundamentalistas de certos crentes ou os horóscopos de certos grupos exaltados.

Que Jesus vem — todos

os dias — eis uma certeza que nasce confiante e serena no coração daquele que crê.

Jesus vem no tempo histórico, no qual cada um de nós descreve a órbita da sua existência terrena, como apelo a que realize eficazmente um «destino» de bem. É esta Vinda que se torna interpelante e que urge acolher e reconhecer.

De Belém ao Calvário

Reconhecer esta chegada discreta, aninhando-se nas mais variadas situações históricas que ferem o homem, sejam elas de sofrimento ou de alegria, de êxito ou de fracasso; como que incarnando de novo; morrendo e ressuscitando.

É «um vir de novo», em tensão provocadora, para que nada fique inerte mas cheio de vida. Daí o compromisso com a

situação histórica do homem; suas inquietações, incertezas e projectos. Não de forma espectacular, omnisciente ou, por qualquer forma, dominadora. Mas como quem — embora saiba donde dimana a luz enfrenta o temor que as trevas provoca; ou sabendo donde nasce a fonte e corre — aceite a sede que a todos devora.

É «um vir de novo» comprometido com os mais pobres; identificado com eles desde Belém ao Calvário, provocando os mais ricos no seu bem-estar e falso apoio.

É um regresso à consciência dos que O professam como Deus Vivo e vivem, porém, como se Ele continuasse morto.

Este «regresso» do Advento é uma Boa Notícia; faz-nos pensar em nós, nos Outros e, talvez, nos ajude a melhor celebrar o Natal.

Padre João

quando, depois de muita insistência, disse que era para o irmão: — Não queria receber nada; dou-lho com muito gosto.

Aquela mãe relatou-nos com a alma feliz pelos dez filhos que custaram tanto a criar e agora lhe têm dado tantas provas de amor. Ficou viúva muito nova. Nós ajudamos a criar três deles, em nossa Casa.

De regresso, passámos junto de quinta que outro nosso comprou. Um rapaz muito habilidoso para o comércio. Tem já o suficiente para se instalar na vida, mas não quer. É um homem lutador.

Naquela tarde encontrámo-lo, empoleirado, a apanhar azeitona na companhia do genro. Feliz pela surpresa da visita, desceu logo e, depois dum abraço muito filial, preparou deliciosa merenda. Quis mostrar toda a quinta e a casa que já mandou construir.

Merendados, eis-nos a caminho. Aproveitámos a passagem pela aldeia onde moram e visitámos a esposa e filhos. Ela convidou-nos a ver a mãe acamada, há quase um ano. Ficámos encantados com o carinho e asseio à sua volta. Hoje que muitos filhos levam os pais para fora de casa, para lares ou lugares semelhantes...

Novamente à estrada, parámos em casa doutro já noite dentro. Aqui o encontro foi junto ao fogão aceso. Castanhas para a fomalha e um pouco de espera até que se assassem. A mãe fazia a ceia e a avó sentada na arca debulhava feijões. Neste intervalo foram ao curral buscar um cordeirinho que nasceu aleijado e não pode procurar a mama. Um quadro de muita ternura: ver o cordeirinho, ao colo da filha, pequenita, a mamar todo o biberão e a regalar-se com o leitinho morno para ele preparado. O pai atarefado com a castanhada para a família. Com mais este panorama encantador, regressámos a Casa quase ao fim do dia.

Um grande dom concedeu Deus a Pai Américo: querer que a sua Obra, com as Casas do Gaiato, sejam uma grande família constituída por diversas famílias.

O nosso padrão é a Família de Nazaré.

Padre Horácio

Uma carta

Jovem de 21 anos

«Sou um jovem de vinte e um anos. Sempre que leio O GAIATO, o meu coração dá pulos de alegria porque constato que palavras como acolhimento, amor, solicitude, esperança, humildade, solidariedade, generosidade, crescimento, são palavras vivas, bem vivas, graças à Casa do Gaiato que se dedica a lutar por um futuro digno para muitas crianças desamparadas, e por melhores condições de vida para

aquelas pessoas que são muito pobres.

Neste mundo desagregado e infeliz, muitas pessoas não conseguem ver que a única coisa que realmente vale a pena é Deus. E O GAIATO, uma semente cuja flor é a palavra de Jesus. Uma semente saudável que sempre e cada vez mais dará fruto em muitos corações, despertando desta maneira as pessoas para olharem mais para os seus irmãos em Cristo — estou certo disso.

Assinante 63454»

DOCTRINA



Chuvvas e ventos
bendizei ao Senhor!
Dos SALMOS

HOJE, a Obra sai da rua onde se consome para entrar dentro da tua casa e confortar a tua sorte. Desde a terceira semana do mês que findou, os jornais do nosso País pouco mais têm feito do que comentar, com gráficos e com notícias, a mortandade que o ciclone deixou, a começar na ponta do sul até à extrema do norte (Fevereiro de 1941). São as florestas, os olivedos, os parques, os jardins, os campos, os pomares, as sementeiras. São as moradias, os telhados, as chaminés, os abrigos, os monumentos. São os barcos ribeirinhos, as redes dos pescadores, as ondas alta-neiras. São os viandantes prostrados nos caminhos, os rebanhos levados nas cheias, os comboios detidos na marcha.

POR toda a parte ais, suspiros, heroísmos — a fúria dos elementos a limpar fazendas e vidas. Tudo isto temos nós visto e ouvido pelo relato da Imprensa e boca das pessoas, que ninguém em Portugal tem hoje nada mais para dizer senão o que vai na alma dos portugueses. Há, porém, algo de muito mais importante que os jornais nem os homens sabem dizer: são as feridas invisíveis da alma, causadas não por árvores caídas, mas sim pelos projectos que com elas e por elas caíram no chão! Neste ponto é o ciclone um caso particular e diferente que se não pode medir pelos destroços feitos, mas sim pela vida de cada um. Quantos não dirão, hoje, aflitos e desamparados, que melhor lhes fora terem ido na corrente, tal o desânimo de recomençar! Mas não; eu estou aqui. Quem há aí que sofra que eu não sofra também? Tu hás-de olhar para mim, não que eu seja modelo, mas sim porque tenho o indicador apontado e fixo no Céu e por ele te hás-de guiar.

O ciclone é em si mesmo a voz do Senhor. Há no mundo males necessários, feitos no plano eterno para o bem das almas, os quais as nossas contas não atingem e só por isso é que nos parece ser um mal aquilo que é muito justo e muito certo. Pois se é verdade que sobre as ruínas dos seus bens costumam os homens edificar melhor e mais perfeito, quanto mais na ordem divina das coisas! A vontade de Deus é criadora. Ele pode multiplicar os frutos do pouquinho que nos ficou, construir mais e melhor nas ruínas dos Seus bens, sem o teu conselho nem o teu concurso. Que importa os anéis, se os dedos ficaram? São estes que não-de ganhar aqueles. Não desanimes.

VIERAM dar recado ou viste com teus próprios olhos a extensão das tuas perdas? Diz a palavra eterna, não exclamativa, mas sim afirmativa: «Deus mo deu, Deus mo tirou; bendito seja o Nome do Senhor!» De momento não podes ver claro a luz desta verdade eterna, empanados como tens os olhos com o sangue das lágrimas; nem o cego que Jesus curou com saliva, viu de repente a beleza da Criação. Foi aos nadinhas: «Vejo umas coisas a cair, como homens e árvores», disse.

A fé divina, sem fulminar ninguém, convence devagarinho os homens de boa vontade. Não tem nada que ver com a laica; e é pena que tenha o mesmo nome porque muitos, por isso mesmo, a confundem. Não é ciência adquirida, nem fruto de experiência nem confiança em si próprio; é um dom gratuito de Deus, através do qual tu compreendes e sentes que a tua posição na vida depois do ciclone, é tal qual antes era. Está no posto que Deus escolheu; agora com mais sacrifícios para maior ser o teu mérito; não o marcou igual para todos, para ser, neste caso, como sempre — Omnipotente.

D. Amín. 5!

(Do livro Pão dos Pobres — 2.º vol.)

BENGUELA

Ofertas

JÁ foi aqui falada a oferta diária de duas caixas de peixe fresco para a Casa do Gaiato. Temos cumprido religiosamente o compromisso de o ir buscar. De igual modo, a empresa *Xayevalas* tem sido fiel em dar. Estes muitos dias em que o barco esteve avariado, pesaram, deveras, no nosso orçamento e no da empresa também. Que o Pai do Céu vele por eles.

O caminho para a solidariedade vai-se abrindo, pouco a pouco. Recebemos uma carta, há dias, da parte doutra empresa, onde se dizia que a Casa do Gaiato era contemplada com vinte milhões de kwanzas mensais. Esta quantia dá para comprar um saco de açúcar, nesta altura. Este donativo, porém, tem um significado mais rico. A empresa que dá pelo nome de Armazéns Jamba, S. A. R. L., tem o seu Fundo Social. Há, pois, uma preocupação de ordem social na cabeça da empresa. É a sensibilidade para o social que falta na geração dos novos ricos, agora a despontar com toda a força. Pensar nos Outros, naqueles que vivem de rastos, que são a maioria, não é uma categoria mental a inspirar o mundo do negócio. Assim, os Pobres nem sequer podem comer as migalhas. Por isso, este donativo feito à Casa do Gaiato, nascido da reunião do Conselho de Administração da empresa, reunido para apreciar o orçamento e consequente gestão do Fundo Social, vale mais pelo que significa.

É verdade que são gotinhas de água neste oceano que parece não ter limites. Mas são

extraordinariamente saborosas. Há cerca de dois anos, era uma fortuna que dava para construir uma escola. Agora, quatro chapas de lusalite de 3, 50 comem os 20 milhões. E o edifício escolar precisa de 150 delas! Não estamos perdidos, mas, às vezes, parece. A vida tornou-se tremendamente complicada.

Nem por isso paramos. Esta semana, vão entrar mais 12 garotos em nossa Casa. Caminhámos, a passo lento, para a lotação completa dos 120, mais umas migalhinhas. Os colchões que pedimos estão a fazer falta. Por cá não sei onde os encontrar, a não ser nos quartéis. Ainda não nos aventurámos a ir ali.

A história do Bom Samaritano

De passagem pela UNICEF, no Lobito, foi-me dito pelo senhor Delegado que existia um Centro de Crianças Desamparadas nos arrabaldes da cidade de Benguela; que fosse ver e lhe desse também a minha opinião. Assim fiz. Fiquei maravilhado com o que vi, por detrás de tudo o que tinha diante dos meus olhos. Primeiro, a história: Uma senhora, ainda jovem (27 anos), mãe de 3 filhos, no regresso a casa, depois de participar na celebração da Missa na sua paróquia, deparou com um grupo de crianças da rua, as mais velhas a transportar as mais novas às costas, cujo estado era lastimável, subnutridas e esfarrapadas. Parou e indagou a saber onde viviam e onde paravam os seus pais. A rua era a sua casa, responderam, e alimentam-se do lixo e das esmolas que

arranjavam. Perante uma situação destas, que fazer? «Senti pena delas e achei por bem ajudá-las a encontrar uma solução», contou-me a responsável pelo Centro.

Começou por tê-las em sua casa. O número foi aumentando de tal maneira que não teve outro remédio senão ir à busca de novas instalações. «Daí levei-as ao comité de Auto-Defesa da zona A, onde havia segurança e local para se abrigarem, pois, nessa altura, eram 45 crianças», continuou a senhora.

O Centro funciona, agora, nesse lugar e nessas instalações. Acolhe 150 crianças, 60 de modo permanente e 90 só de dia. Grupos de cristãos, por turnos, e outra gente de boa vontade, dão o acompanhamento indispensável.

Esta acção impressionou-me muito. Quando se deu o princípio, havia graves problemas de segurança, de alimentação e de tudo o mais que anda ligado a iniciativas deste género. Pois nada a impediu de seguir o caminho ditado pela sua consciência. Não houve propaganda nos meios de comunicação social. Mais tarde, quando o trabalho já tinha dado mostras do seu valor, vieram as autoridades oficiais e a televisão também.

O início tem a marca do Evangelho. A história do Bom Samaritano repete-se, ao vivo. E agora? É necessário fazer o discernimento. Ali tudo é provisório, menos o amor que é dado às crianças. São precisos outros passos. Para onde encaminhar os utentes do Centro, quando foram dados os primeiros passos? Saída da rua. É que parece-me estar na presença do embrião da primeira resposta adequada a este tipo de criança. As outras

têm que vir a seguir. A Casa do Gaiato é uma delas, com certeza. Mas as crianças são multidão. É necessário, sem dúvida, um investimento sério da parte do governo em instituições que hão-de acolhê-las. E, quem dera!, da parte da Igreja.

A história deste Centro de Crianças Desamparadas diz-nos que, antes de tudo, é necessário o compromisso de amor por esta causa. A partir daí, tudo acontece, sem se saber como. Na conversa que tive com a senhora D. Candinha Coimbra, safu-lhe muitas vezes a mesma resposta à pergunta que lhe fiz: — Mas e como foi? Como é?... — Não sei como.

Costumo pensar que a Fé é o princípio de solução de todos os problemas da vida. Sai do Evangelho este pensamento. Quantas indecisões! Quantas renúncias a um chamado do Senhor! Quanto bem deixamos de fazer! Quantos apelos a uma vida beróica que não foram seguidos! Só porque a nossa Fé não é da raça daquela que move montanhas.

Por detrás da falta de condições, da vida muito rudimentar, da pobreza ao extremo, vi toda a beleza e toda a grandeza dum gesto que é fruto da Fé que se vive pela Caridade.

Pediram-me sabão para lavar a roupa das crianças e já lá chegou. Falaram-me em açúcar para deitar um bocadinho na papa de milho, comida de manhã, ao meio-dia e à noite. Também irá. Aceito com muita alegria mais esta carga que há-de encher a minha vida.

O Natal vem aí. Que vais fazer, leitor amigo?

Padre Manuel António

Reflectindo

Caminhos da Justiça

LEMOS no Ofício Divino desta 32.^a semana do Tempo Comum, uma homilia de um Autor do século II da nossa era. São extremamente saborosos os escritos destes Homens que já não viram nem ouviram Jesus, mas aprenderam a conhecê-LO dos que «viram, ouviram e tocaram em suas mãos o Verbo da Vida» e não puderam calar quanto contemplaram «para que a vossa (a nossa!) alegria seja completa» (cf. I Jo.).

A alegria dos Apóstolos era irreprimível e contagiosa e ela mesma o dinamismo da comunicação. Por isso o encanto destes escritos, reflectindo a Escritura e os Acontecimentos recentes sim, mas com a vivacidade própria das testemunhas. A adesão dos tocados pelo testemunho era primariamente à Pessoa de Cristo. E a partir da «comunhão com o Pai e com o Seu filho Jesus Cristo», iam tomando consciência da Doutrina e

da sua riqueza inesgotável. A Teologia nasceu assim: foi-se fazendo, incessantemente se está fazendo... Mas a matriz e garantia de autenticidade é o «viver para mim é Cristo», conforme o desabafo de S. Paulo. A inteligência preside, com certeza; mas o coração da Teologia é o viver em «comunhão com o Pai e com Seu Filho» de quem na faz. E esta comunhão é também no Espírito Santo que é a Luz da inteligência e dá forma ao que dita o coração.

Estes padres dos primeiros séculos da era cristã não eram teólogos no sentido rigoroso da palavra, no entanto são referência indispensável para os que o são. O facto de o não serem, torna-os mais próximos do Povo de Deus — de todos os que pela Fé têm missão teológica. A doutrina que se colhe dos seus escritos constitui um desafio mais directo à vida conforme ao Evangelho.

«O que é blasfemar do Santo Nome de Deus?» — pergunta este Autor. E responde: «É não fazermos o que dizemos».

«Anunciamos a palavra de Deus: 'Não é favor amardes os que vos amam; Graça é amardes os vossos inimigos e os que vos odeiam'. A sublimidade da doutrina causa a admiração de quem a escuta. Porém, logo provocamos a irrisão dos mesmos se eles vêem que não amamos estes nem sequer os que nos amam. Assim é blasfemado o Nome de Deus». Por quem?... O Autor é claro: menos pelos que escutaram

do que por quem disse.

A uns e outros, a todos, Deus quer salvar; Cristo veio, justamente, para chamar os pecadores — é esta conclusão de Esperança que o Autor da homilia quer deixar aos seus ouvintes. Mas tal exige o compromisso destes: «Confessar em obras — pela coerência delas com o que dizemos — o Nome de Deus».

Agora que a urgência de uma nova evangelização é proclamada, quão actuais e preciosos são estes belos textos dos primitivos padres da Igreja, estímulo e modelo para acentuarmos menos a palavra e mais o espírito do amor a Cristo, ao sabor da promessa para os «últimos tempos» de que será Ele, no coração do Homem, a ensinar-lhe os caminhos da Justiça que levam ao Pai.

Padre Carlos

Património dos Pobres

Continuação da página 1

Amostra de muitas habitações

Um dos motivos que também ali nos levou foi procurar um adolescente de

treze anos que há mais de um ano abandonou a nossa Casa. Uma Associação de Protecção a Menores pediu a nossa ajuda. Nunca mais frequentou a escola.

Vizinhas, amorosamente, indicaram a barraca da mãe. Subimos a encosta e ainda lhe conseguimos pôr os olhos em cima. Mal nos viu, logo se ausentou. Fuma, mas ainda não entrou no mundo da droga.

Entrámos na barraca. Tão pequenina que ela é! Ali vivem a mãe com um acompanhante e dois dos filhos. Uma filha também ali vive com o homem com quem se juntou. Um dos filhos já se pica e parece um pau direito. A barraca está num terreno com bastante inclinação. Ainda nos atrevemos a perguntar como conseguem dormir lá dentro, mas não tivemos resposta.

Regressámos com a mágoa de tudo o que vimos e ainda mais com a vida daquele adolescente que já foi nosso. A mãe contou as impressões do filho: — *Lá na casa todos trabalhamos. Temos vacas que nos dão leite. Temos galinhas que põem ovos. Temos porcas que parem leitões e nós, muitas vezes, comemos leitão assado que é muito bom.*

Este adolescente dorme todas as noites fora da barraca, acompanhado pelo cão que, logo à chegada, encontrámos enroscado à beira duma porta. Nem o leite, nem os ovos, nem o leitão a saber tão bem, conseguem demovê-lo da miséria daquele ambiente. Eis a lição triste que nos acompanhou.

Padre Horácio

PASSO A PASSO

O João do Calvário

HOJE falei aos rapazes no João do Calvário. Foi a propósito da limpeza das folhas das árvores espalhadas nas ruas da nossa Aldeia.

O João é uma criança com mais de quarenta anos. A natureza não o deixou crescer para que pudéssemos todos aprender com ele, nós que *crecemos*. Uma das muitas coisas que o João faz, nas horas em que não tem de dar a sua volta no pavilhão dos homens para ver das necessidades dos que estão acamados, é varrer as ruas e limpar os jardins do Calvário. Neste trabalho não deixa ficar uma folha ou uma bolota para trás. Mas o seu gesto mais bonito é quando se ajoelha junto das plantas, para as limpar de toda a folhagem que se abrigou sob elas e catá-las das folhas secas.

Este cuidar da planta, do terreno que a envolve, da forma como o João o faz, deixa-me abismado, estupefacto, abre-me uma porta grande! Quanta coisa ele me diz com esse seu gesto. Mostra-me uma profunda ligação ao natural, terra da mesma terra, mas elevada... O gosto pela beleza, pela harmonia... pela vida!

O mundo é das crianças — bem-aventurados os puros de coração!...

Pois os nossos rapazes estão habituados a trabalhar de outra maneira. Também eles amam e querem amar mais, mas... tanta coisa que complica a vida aos ditos normais! Caminho mais custoso de percorrer, lutas mais difíceis e dolorosas para travar. Quem vai crescer terá de sofrer, para voltar a nascer. Até lá, quantas vezes perdidos nos caminhos da vida, metidos em trabalhos...

Hoje, há folhas das nossas árvores para varrer, casas para limpar, jardins para cuidar — caminhos para aprender a ser!

Olhemos para o João que ele ensina-nos. Aprendamos agora a trabalhar como quem ama, façamos surgir de cada gesto um acto criador de beleza!

Gostava de ser como o João!

Padre Júlio

PENSAMENTO

É muito mais fácil abrir os gonzos das cadeias e fazer entrar, do que prevenir para que não entrem!

PAI AMÉRICO



Director: Padre Carlos — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm., fotocomp., e imp.: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel
Tel. (0 55) 752285 - FAX 753799 — Cont. 500768898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239